



Editorial

Evidências históricas de que as tecnologias moldam as cidades são abundantes. Poderíamos ir além, e dizer que as próprias cidades são artefatos tecnológicos. Infraestruturas como saneamento, abastecimento de água, redes elétricas e de telecomunicações são intrínsecas ao que entendemos como cidades, e estão a tal ponto amalgamadas com o tecido urbano que se tornam invisíveis. No entanto, toda tecnologia é uma construção social, e essas tecnologias são, ao mesmo tempo, resultado e detonadores de conflitos e negociações sociais, culturais e econômicos, resultado e detonadores de inequidades e emancipações. Uma vez que uma tecnologia se integra ao tecido urbano e social, sua estabilização torna difícil explorar as controvérsias que estavam presentes em sua construção histórica. Mas quando um conjunto tecnológico está emergindo, abordagens conceituais e metodológicas ajudam a ver além da mera aplicação, do mero impacto da tecnologia. Momentos de emergência tecnológica nos ajudam a entender novas urbanidades em formação.

Isso é o principal propósito desta seção especial da **urbe**, revista cujo objetivo é apresentar uma perspectiva crítica em estudos urbanos. Meios de comunicação pessoais e locativos se alastram por todo o mundo. Ousamos dizer que, pela primeira vez na história das tecnologias urbanas, em um mesmo quadro tecnológico coabitam infraestruturas globais como cabos submarinos, satélites, imensas redes físicas, e mídias pessoais que transformam as atividades e os comportamentos cotidianos, como se fossem uma extensão do corpo e da alma dos que vivem nas cidades.

Esta seção especial está baseada no conceito de *Habitele*, cujo autor, Dominique Boullier, é nosso editor convidado. Boullier já publicou na **urbe**, e trabalha na tensa imbricação de tecnologias e comportamentos pessoais há décadas. Seu conceito de *Habitele* pode nos ajudar a ver de modo crítico a presença ubíqua das mídias locativas nas cidades. Não foi surpresa termos recebido artigos de diferentes continentes para esta seção, o que confirma ser este um fenômeno global ao qual pesquisadores de temas urbanos estão dedicados, uma vez que as mídias locativas pessoais têm o potencial de mudar o modo como as pessoas interagem com a cidade.

Os três artigos que completam esta edição da **urbe** poderiam ser reunidos em outra seção especial, pois tratam de um problema ainda grave nas cidades brasileiras: os assentamentos ilegais e informais — cujas diferenças são discutidas. Madianita Nunes da Silva analisa a informalidade em assentamentos informais na Região Metropolitana de Curitiba, um problema que se agrava, uma vez que as famílias pobres não têm acesso ao mercado imobiliário formal, pelo alto custo.

Clarissa Figueiredo Sampaio Freitas tem como objeto a cidade de Fortaleza. Ela discute como projetos para famílias de alta e baixa renda ocupam áreas ambientalmente frágeis e destaca as divergências que há entre a legislação ambiental e esses dois tipos de ocupação territorial.

O terceiro artigo, assinado por Sandra Maria Fonseca da Costa, Jéssica Andretta Mendes, Viviana Mendes Lima e Bruno Henrique Colombari Moreira, mostra que o problema em questão não ocorre apenas nas metrópoles, mas também em pequenas cidades da região da Amazônia.

A diferença temática entre esses dois conjuntos de artigos mostra a complexidade dos estudos urbanos. Sua discussão é o objetivo da **urbe**.

Rodrigo Firmino, Harry Alberto Bollmann e Fábio Duarte
PPGTU/PUCPR, Curitiba, janeiro de 2014